

A VARIAÇÃO NO SISTEMA SAUSSUREANO DA LÍNGUA

Andréa Burgos de Azevedo Mangabeira*

RESUMO: *Este trabalho visa a discutir dois fenômenos linguísticos presentes na obra de Ferdinand Saussure – formações analógicas e flutuações –, tendo como objetivo principal defender a ideia de que, ainda que a palavra ‘variação’ não apareça na obra do autor, é possível inferir pela reflexão acerca dos fenômenos acima citado, que a variação como um processo de mudança e alternância está presente no sistema da língua de Saussure, não sendo um processo concernente apenas ao domínio da fala, como afirmam alguns autores. Para esta argumentação, serão consideradas as discussões presentes no Curso de Linguística Geral, e nos Escritos de Linguística Geral.*

PALAVRAS-CHAVE: *variação – formações analógicas – flutuações*

ABSTRACT: *This paper aims to discuss two linguistic phenomena present in the work of Ferdinand Saussure – analogical formation and fluctuation –, in order to argument in favor of the idea that, although the word ‘variation’ does not appear in the author’s work, it is possible to infer, through a reflection regarding the phenomena mentioned above, that variation as a process of changing and alternation is present in Saussure’s language system, not being a process that belongs only to the speech domain, as some authors may affirm. Towards this discussion, it will be considered here the arguments found in the following books: Curso de Linguística Geral and Escritos de Linguística Geral.*

KEYWORDS: *variation – analogical formation – fluctuation*

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações. (SAUSSURE, 1975, p.93)

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado final da disciplina Epistemologia Linguística¹, na qual foram discutidos os principais conceitos da epistemologia linguística fundada por Ferdinand de Saussure. Para cumprir tal fim, a disciplina seguiu um percurso de

* Mestranda no programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profª. Dra. Luciene Juliano Simões – mangabeira.andrea@gmail.com

¹ A disciplina foi ministrada pelo Professor Dr. Valdir do Nascimento Flores, no primeiro semestre de 2010, no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 42, junho de 2011. p. 285-292.

desconstrução das leituras mais usuais do Curso de Linguística Geral, e das ideias de Saussure, principalmente das leituras estruturalistas que foram feitas dessas ideias. Mas principalmente essa disciplina se debruçou sobre a reflexão a respeito do fazer do linguista, do rigor metodológico necessário a essa ciência, da importância já levantada por Saussure de se recortar o objeto do estudo, diferenciando-o do dado que se apresenta ao linguista.

Ao longo da disciplina, estive sempre intrigada pelas questões de variação linguística que, até então, para mim, não eram fenômenos interiores à língua na perspectiva de Saussure, mas fenômenos extralinguísticos pertencentes à fala².

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo discutir como o fenômeno da variação linguística aparece no sistema de língua saussureano, para esse fim, serão discutidos dois fenômenos considerados fenômenos linguísticos por Saussure: as formações analógicas e as flutuações. Serão discutidas, ainda, algumas ideias como a noção de sistema, signo linguístico, e as propriedades de Mutabilidade e Imutabilidade do signo. Para isso, o recorte bibliográfico será o CLG (SAUSSURE, 1975) e os manuscritos de Saussure³.

A LÍNGUA SAUSSUREANA⁴: UM SISTEMA DE RELAÇÕES

A opção por iniciar a discussão tratando do sistema da língua é em decorrência do fato de que, na definição de língua (*langue*), está a fonte de muitos equívocos a respeito da teoria linguística de Saussure.

Muitas leituras foram feitas das ideias do linguista em questão, já que, durante muito tempo, só se teve acesso a essas ideias através do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1975), doravante CLG, que, apesar de não ter sido escrito por Saussure, teve sua autoria atribuída ao linguista por seus organizadores. A principal leitura que se fez do curso foi a leitura estruturalista. Devido a essa interpretação, muitas vezes, se lê que Saussure considera a língua uma estrutura fixa e imutável, e não um sistema de relações como, de fato, pode ser lido tanto no CLG quanto nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2004), doravante ELG.

A língua, sob essa perspectiva, pode ser definida não como uma estrutura, mas como um sistema de relações, no qual signos linguísticos (formados pela união de um significante e de um significado, que não têm valor se dissociados um do outro) se opõem uns aos outros, sendo formados, assim, não por um valor positivo, mas por um valor negativo, cada signo é aquilo que os outros não são. Sendo assim, a língua é um

² Faço aqui referência à distinção Língua/Fala (*Langue/Parole*), proposta por Saussure.

³ Quando me refiro aos manuscritos de Saussure, estou me referindo ao livro intitulado *Escritos de Linguística Geral*, organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil, no qual alguns textos manuscritos de Saussure estão reunidos. No entanto, utilizarei, mais especificamente, quatro textos presentes nesse livro: *Sobre a Essência Dupla da Linguagem; Primeira conferência na Universidade de Genebra; Segunda conferência na Universidade de Genebra; Terceira conferência na Universidade de Genebra.*

⁴ Daqui em diante, ao me referir à língua, estarei me referindo à língua de Saussure, à *Langue*.

sistema de relações de oposição entre signos linguísticos de valor negativo. Essas relações se dividem ainda entre dois eixos: o eixo das relações sintagmáticas, no qual os signos se opõem uns aos outros numa cadeia linear, em presença; e o eixo associativo, ou eixo das escolhas, no qual os signos se opõem uns aos outros, através das escolhas linguísticas, ou seja, se opõem em ausência.

Fundamentalmente, a língua repousa sobre diferenças. (...) a língua só se alimenta, em sua essência, de oposições, de um conjunto de valores perfeitamente negativos, que só existem por seu contraste mútuo. (SAUSSURE, 2004, p. 66)

Sob essa perspectiva, os signos linguísticos não possuem valor em si, mas adquirem valor somente em sua relação sistêmica com os outros signos da língua, sendo assim, o funcionamento da língua se dá através de relações, nas quais os processos de significação acontecem.

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável. (SAUSSURE, 2004, p.80)

Assim, a ausência de rigor terminológico, quando se chama a língua de estrutura e não de sistema, pode trazer consequências sérias para a interpretação das ideias de Saussure. Em muitos textos que circulam no âmbito da linguística é comum encontrar a língua tomada como estrutura e não como sistema, como se pode ver no trecho abaixo:

A linguística propriamente dita (i.e., a ciência que recortou como objeto a língua em si, a língua em sua imanência, em sua realidade estrutural desvinculada, em princípio, de suas condições externas) (...) (FARACO, 2008, p.35)⁵

Recorrendo-se ao dicionário Houaiss, encontra-se a seguinte definição, sob rubrica da linguística, para sistema: “conjunto dos sistemas parciais ou subsistemas (fonológico, sintático, morfológico, semântico) que integradamente formam a estrutura da língua como um todo” (Dicionário HOUAISS online). Vê-se que a acepção de sistema que se associa à linguística é totalmente vinculada à noção de estrutura, enquanto uma das acepções gerais que o dicionário traz do termo é a seguinte:

⁵ Neste trecho, não se faz referência direta a Saussure, mas, sabendo-se que foi Saussure quem colocou a língua como objeto de estudo da linguística, a referência se faz indiretamente.

“conjunto de ideias logicamente solidárias, consideradas nas suas relações” (Dicionário HOUAISS online), sendo essa mais adequada para descrever o sistema a que Saussure se referia, do que aquela.

Muitas vezes, ainda que se afirme que a língua é um sistema, ela é considerada como um sistema de relações fixas, pré-determinadas e imutáveis:

O pressuposto forte dessa concepção era o de um sistema único e uniforme, pensão como um nível de grandes relações invariantes que conteria, em potência, todas as possibilidades expressivas materializáveis nos atos individuais de fala.

Esse modelo não comportava a variabilidade como fenômeno intrasistêmico, nem dispunha de estratos intermediários entre sistema e indivíduo. Não tinha, portanto, recursos teóricos suficientes para absorver a heterogeneidade supraindividual (social) constitutiva da língua. (ibid., p. 36)

A partir desse trecho, inicia-se, aqui, a discussão central deste trabalho: a ideia de que a teoria de Saussure abarca certos fenômenos e propriedades linguísticas que comprovam que, ainda que não usasse o termo variação, Saussure contemplou, em suas discussões, esse fenômeno.

PRINCÍPIO DA IMUTABILIDADE E MUTABILIDADE DO SIGNO

No CLG (SAUSSURE, 1975) figura um capítulo destinado a um princípio da língua que parece, à primeira vista, um tanto paradoxal, o princípio da mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico.

Uma das principais propriedades do signo linguístico é sua arbitrariedade. O signo é arbitrário na medida em que a relação que une seu significante ao seu significado não é regida por nenhuma norma, não tem um sentido lógico, é totalmente arbitrária. A língua chega à massa social através da tradição, e assim, chegam também os signos, ou seja, ao significante “cachorro” associa-se o significado “cachorro”, porque antes já foi feita essa associação. Como a relação que liga um ao outro é totalmente arbitrária, ela se torna, então, incontestável, já que, para que algo seja contestado, é preciso que, antes, seja regido por alguma lógica a ser contestada.

Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário. (SAUSSURE, 1975, p.88)

No entanto, esse mesmo tempo que dá continuidade ao signo linguístico, tem também o poder de alterá-lo rapidamente, podendo-se assim falar em mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico. Nessa alteração, no entanto, sempre persiste algo da matéria velha, a infidelidade em relação à tradição seria apenas relativa e os motivos que a motivariam são inúmeros. É importante frisar, no entanto, que, qualquer que seja a alteração dentro do sistema linguístico, ela é causada por um deslocamento entre o significante e o significado, nunca uma alteração somente fonética no significante ou somente na ideia do significado. No CLG (p. 89), encontra-se uma nota muito importante que afirma que Saussure, através da contraposição entre a imutabilidade e a mutabilidade do signo, quis afirmar que o sistema linguístico está sujeito a alterações, no entanto, não cabe ao falante alterá-lo, a língua assim seria intangível, mas não inalterável, sendo assim, as motivações de suas alterações seriam internas ao sistema, e não apenas no nível da fala, como afirma Faraco na citação da seção anterior.

Para finalizar a discussão acerca dessa questão do signo, a seguinte passagem do CLG é destacada:

(...) situada simultaneamente na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. (ibid., p.90)

Refutada a ideia de que a língua é uma estrutura, ou ainda um sistema de relações fixas e invariáveis, ou ainda que as variações estejam sempre no nível da fala e nunca intrasistêmicas, passarei agora à discussão de um fenômeno linguístico que é, na leitura aqui defendida, um exemplo de variação intrasistêmica na língua, o fenômeno das formações analógicas.

AS FORMAÇÕES ANALÓGICAS

Para discutir esse conceito como um fenômeno de variação intrasistêmica este artigo se apoia predominantemente no CLG, ainda que, nos textos consultados dos ELG, alguma menções sejam feitas a esse fenômeno, mas de forma menos organizada e detalhada do que no CLG.

Antes de iniciar a exposição das analogias, o CLG dedica um capítulo às mudanças fonéticas, consideradas fenômenos de perturbação que desestabilizam o sistema da língua. Sendo um fenômeno desestabilizador, esse se constitui como o principal motivador das formações analógicas, que buscam sempre recuperar a estabilidade do sistema.

A analogia supõe um modelo de imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de*

*outras, segundo uma regra determinada*⁶. (SAUSSURE, 1975, p.187)

As formações analógicas acontecem através da imitação de uma forma regular da língua, para recuperação de uma instabilidade causada pela mudança fonética. Será utilizado aqui um bom exemplo, que está presente na página 187 do CLG, a formação do nominativo latino *honor*.

Inicialmente se tinha *honōs:honōsem*, no entanto, por rotacismo do *s*, passou-se a ter *honōs:honōrem*. Sob modelo da forma *orator:oratore*, eliminou-se então a forma dupla do radical e criou-se *honor*, através de um procedimento chamado cálculo da quarta proporcional, assim simbolizado:

$$\begin{aligned} \text{ōrātōrem} : \text{ōrātor} &= \text{honōrem} : x \\ x &= \text{honor} \end{aligned}$$

Vê-se, pois, que para contrabalancear a ação diversificante da mudança fonética (*honōs:honōrem*), a analogia unificou novamente as formas e restabeleceu a regularidade (*honor:honōrem*). (ibid., p.188)

Nota-se que, em momento algum, se fala em mudança ou substituição de um termo por outro. O fenômeno das formações analógicas é um fenômeno de criação, logo, não faz desaparecer nenhum signo da língua. O que aconteceu no exemplo dado foi a criação do signo *honor*, no entanto, *honōs* continuou a existir no sistema da língua, tendo ganhado apenas uma forma concorrente. Durante algum tempo as formas coexistiram, até que *honōs* caiu em desuso.

Na interpretação do fenômeno em questão que se pretende construir aqui, pode-se dizer que ele é um fenômeno de variação, porque, por algum tempo, existiram duas formas concorrentes, dentro do sistema da língua, ou seja, durante algum tempo, o sistema permitiu que a escolha variasse entre uma ou outra forma para expressar a mesma ideia, sendo assim possível considerar este fenômeno como um fenômeno de variação linguística.

É interessante notar ainda que o fenômeno do desaparecimento de *honōs* não mantém nenhuma relação com o fenômeno de formação analógica. Esse é um fenômeno linguístico, intrasistêmico, enquanto aquele, sim, é um fenômeno que, para mim, está no plano da fala, do uso pelo falante. Ou seja, o fenômeno que permite a variação, ao contrário do que afirma Faraco, está na língua, no sistema, enquanto o que está na fala é o fenômeno que elimina a possibilidade dessa variação. Isso porque, ainda que as formações analógicas se expressem primeiramente na fala, a meu ver, é o sistema que permite que o falante faça as relações necessárias à sua ocorrência. Além disso, depois de aceito pela massa social, a analogia entra na língua, o que comprova que o sistema da língua não é um sistema de relações fixas e imutáveis.

⁶ Grifo no original.

Reconhece-se aqui que o fenômeno das formações analógicas é muito mais complexo do que foi explicitado nesta discussão, a intenção foi de recortar essa discussão para apresentar esse fenômeno de alteração (aqui entendido como variação) no sistema da língua. Será, então, discutido agora outro fenômeno que corrobora essa visão de que a língua comporta, sim, variação intrasistêmica, o fenômeno das flutuações.

AS FLUTUAÇÕES

Para explicitar e discutir o fenômeno das flutuações como um fenômeno de variação, a discussão se apoiará nos ELG (SAUSSURE, 2004), já que, no CLG esse fenômeno não é explicitado e discutido, ao menos não com esse nome.

Como já discutido anteriormente, o sistema linguístico se baseia em relações de oposições entre os signos, dentro das quais repousam o valor negativo desses, os signos são o que os outros não são. No entanto, há na língua uma esfera restrita de coisas que podem ser tomadas umas pelas outras. A essa latitude no valor de alguns signos, se denomina *flutuações*, em todo estado de língua, podem ser encontradas essas flutuações.

Saussure desenvolve um exemplo de flutuação em gótico:

Assim tomando um exemplo ao acaso, em gótico, o grupo *ij +vogal* é equivalente ao grupo *i + vogal* (*sijai* “que seja” ou *siai*, *frijana* “liberum” ou *friana*, sem diferença), mas, num dialeto próximo, a diferença *ija-ia* pode ter uma importância absoluta, isto é, representar dois valores e não um só. (SAUSSURE, 2004, p. 37)

Mais à frente, Saussure se refere a esse fenômeno como “FLUTUAÇÃO fonética” (ibid., p. 66), ao se referir a elementos que têm uma latitude de pronúncia, ou seja, possuem uma flexibilidade de pronúncia.

Uma vez que um termo tem flexibilidade em sua pronúncia, sem que haja, no entanto, mudança no seu valor, ou seja, mudança na sua significação, esse termo confirma então a ideia de que há variação intrasistêmica. Tendo em vista que Saussure afirma que em todo estado de língua há flutuações, e que as flutuações nada mais são do que essa flexibilidade de pronúncia, estando o estado de língua repousado no sistema, assim está também a variação da pronúncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao fenômeno da variação, a discussão aqui proposta se posiciona a favor de sua existência no sistema da língua de Saussure. Acredita-se que fenômenos como o da mutabilidade e imutabilidade do signo, discutidos anteriormente, ou mesmo

fenômenos como o da continuidade e mutabilidade da língua, os quais não foram discutidos, mas que serviram de inspiração para esta leitura, viabilizam a ideia de que existem alterações e transformações intrasistêmicas, supraindividuais. É essa possibilidade que permite a ocorrência de fenômenos como as formações analógicas e as flutuações, que foram interpretados, aqui, como fenômenos de variação linguística que estão no nível da língua, não da fala.

Além disso, é importante aqui colocar a questão dos dois eixos da língua: o eixo associativo e o eixo sintagmático. Um estudo mais aprofundado desses dois eixos seria interessante, para determinar ou, ao menos, sugerir, em qual dos eixos se dá o fenômeno da variação. Neste artigo, após as leituras feitas para sua produção, suspeita-se, sem muito embasamento, no entanto, que esses fenômenos repousam no eixo associativo, no eixo das escolhas da língua. Afinal, é nesse eixo que estariam as formas concorrentes e flutuantes da língua, para a escolha do falante.

Vale ressaltar, ainda, o fato de que este trabalho não tentou, em momento algum, desmerecer ou contrariar toda e qualquer leitura que se tenha feito das ideias de Saussure, ao contrário, a intenção foi apenas a de apresentar uma leitura que foi possibilitada pelo novo olhar que a disciplina já mencionada suscitou sobre a obra desse linguista.

Afirma-se aqui que todas as outras leituras têm seu valor e seus leitores percorreram certo percurso que os fez chegar a elas, o uso feito das afirmações de outros autores, foi apenas com o intuito de exemplificar alguns pontos dos quais o posicionamento aqui defendido discorda.

No entanto, algumas ressalvas devam ser feitas a respeito das leituras que foram feitas e que se fazem hoje. Como mencionado, no início desse artigo, durante muito tempo a única fonte a que se tinha acesso era o CLG, já que Saussure não publicou, em vida, nenhuma obra. Somente em 1996 se teve acesso aos primeiros manuscritos do autor, encontrados na casa de sua família, em Genebra. Esses manuscritos, no entanto, trazem diversas partes em branco, rasuras, são de difícil leitura, muitas vezes as ideias aparecem inacabadas, por isso, acredito que a Saussure não se pode atribuir ideias ou conclusões muito bem definidas, mas sim leituras, interpretações, como a que tentei fazer nesse trabalho, como tentaram fazer os que o leram de forma estruturalista, e muitos outros.

Como o próprio Saussure afirmou em seus manuscritos, é o ponto de vista que cria o objeto, logo a maneira como o sistema da língua de Saussure foi aqui interpretado, bem como os fenômenos que ele envolve, formam um objeto, que não será o mesmo objeto das leituras que outras pessoas fizeram desse mesmo sistema, e principalmente não será o mesmo objeto, o mesmo sistema que o próprio Saussure tinha em mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO, C.A. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. Parábola Editorial, São Paulo: 2008.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 42, junho de 2011. p. 285-293.

HOUAISS. Dicionário online. 9/08/2010. <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=sistema&x=7&y=18&stype=k>

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix, São Paulo: 1975.

SAUSSURE, F. *Escritos de Linguística Geral* (Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler). Cultrix, São Paulo: 2004.